

SESSÕES DO PLENÁRIO

18ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 19 de maio de 2025.

PRESIDENTE: DEPUTADO ROSEMBERG PINTO (ad hoc)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão, que é uma sessão especial em referência à memória do querido amigo, o ex-deputado estadual Paulo Jackson, conforme proposição do Partido dos Trabalhadores nesta Casa por meio da liderança do nosso partido.

E quero convidar, para participar daqui da Mesa, o querido amigo e ex-deputado estadual Yulo Oiticica, que representa o governo da Bahia e foi deputado contemporâneo de Paulo Jackson. Bem-vindo, querido Yulo.

Convidar, aqui para a Mesa, a professora Zalvira Cardoso Vilasboas, que neste ato representa a família do querido deputado Paulo Jackson; e a defensora pública Walmary Pimentel, que representa a defensora pública-geral do estado da Bahia, Camila Canário.

Convidar a diretora-geral da Fundação Paulo Jackson, Michele Gramacho; o querido professor emérito da Universidade Federal da Bahia Luiz Roberto Moraes; chamar aqui Abelardo Oliveira, outro amigo nosso que iniciou no sindicato e se tornou presidente da empresa onde Paulo Jackson trabalhou durante toda a sua vida; e, representando os “dinossauros” do Partido dos Trabalhadores, o querido amigo Jonas Paulo.

Quero saudar também os familiares aqui presentes: Suzana, esposa de Paulo Jackson; André Nascimento e Daniel, os filhos; Tadeu Vilasboas, sobrinho e afilhado; Zênia e Joselita, primas; Idalina, que é nossa colega aqui na Assembleia Legislativa, Zorailde, Zenira e Zalvira, irmãs do querido deputado.

Esta sessão cumpre o papel de homenagear um deputado que fez história aqui na Casa. Nesse sentido, nada mais justo do que hoje, no dia em que se faz 25 anos de sua ausência, fazermos uma sessão para encontrarmos os amigos, para que possamos sempre lembrar quem foi Paulo Jackson para todos nós.

Então, essa é a motivação. Que a gente não esqueça de alguém que foi extremamente importante para a formação de uma geração.

Quero, com isso, saudar minha querida amiga, colega deputada Maria del Carmen, aqui presente. Dizer, Maria, do quanto o Paulo nos faz falta.

Eu queria pedir licença, eu tentei embaralhar umas palavras... Aliás, antes disso, nós vamos tocar o Hino Nacional. É importante que a gente faça essa homenagem ao nosso país.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

Olha, eu vou pedir ao deputado Marcelino Galo, que acabou de chegar, para me substituir aqui enquanto eu vou ali. Na realidade, como líder da bancada dos trabalhadores, era você quem deveria estar aqui dirigindo esta sessão. Mas é que Marcelino está participando de uma outra atividade aqui ao lado, e é por isso que nós estamos dividindo este momento.

(O deputado Marcelino Galo assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): Boa tarde.

Para mim, é uma honra, um privilégio, neste momento, assumir a presidência e fazer toda a nossa homenagem, celebrar, rememorar a vida, não a morte, mas a vida do maior deputado que esta Casa já teve, que foi Paulo Jackson.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): Então, agora passo a palavra ao deputado Rosemberg Pinto, proponente desta sessão.

O Sr. ROSEMBERG PINTO: Deputado Marcelino Galo, já saudei todos quando o convidei, mas quero saudar os familiares, os amigos aqui presentes. Vi diversos companheiros e companheiras que há muito tempo não encontrava, e esta sessão especial, deputado Marcelino, longe de ser um espaço de lamentação, deve ser um espaço de alegria, de perda, mas também para lembrar de Paulo Jackson como uma pessoa que fez falta, que faz falta.

Tem que ser um momento de alegria, de reencontro, porque nós já choramos o bastante com a sua perda. Este é o momento de conversarmos, de nos reencontrarmos sob o olhar do nosso querido e, sem dúvida alguma, melhor deputado que já tivemos em toda a história do Partido dos Trabalhadores, o Paulo Jackson.

Então, (lê) “Reunimo-nos hoje não apenas para relembrar uma data, mas para reafirmar um legado. Passaram-se 25 anos desde que a Bahia e o Brasil perderam um dos seus mais íntegros e combativos parlamentares: Paulo Jackson.

Mas, como sabemos, há vidas que continuam mesmo depois da ausência física – e a de Paulo Jackson é uma delas...”

Ele ficava sentado aqui, tinha a sua cadeira reservada. Ninguém, nenhum deputado, fosse da Base do Governo ou da Oposição, na época nós erámos da Oposição, usava o seu lugar. Era um lugar sagrado do querido deputado Paulo Jackson. E aqui Yulo vai contar o que vivenciou com ele em diversos momentos.

(Lê) “(...) Paulo Jackson foi muito mais do que um deputado estadual. Ele foi um pensador público, um militante incansável da ética na política e um dos principais construtores da democracia baiana no período pós-ditadura.

Sua atuação na Assembleia Legislativa da Bahia marcou um tempo em que a palavra tinha peso, o mandato tinha compromisso e o parlamento era, de fato, uma trincheira de lutas sociais.

Ele não se curvou ao conservadorismo nem às pressões do poder. Foi voz firme contra a corrupção, defensor da educação pública, da reforma agrária, dos direitos humanos e da participação popular.

Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores na Bahia e um formador de quadros políticos, deixando discípulos e admiradores em diversas gerações, inclusive nesta Casa...”

Tive o privilégio de militar com Paulo Jackson antes do Partido dos Trabalhadores, nós éramos filiados ao Partido Comunista do Brasil quando os partidos ainda estavam na clandestinidade.

Orgulha-me muito ter dividido com ele essa passagem, também dividida com outros companheiros e companheiras, a exemplo de Jaques Wagner, com quem militamos e nos organizamos depois no Partido dos Trabalhadores.

(Lê) “(...) Eu mesmo tive em Paulo Jackson uma referência. Aprendi com ele que fazer política não é apenas ocupar um cargo, mas defender princípios; não é apenas debater ideias, mas transformar realidades.

Hoje, quando olhamos para os desafios do nosso tempo – o avanço da intolerância, a banalização da mentira, a crise da representação –, o exemplo de Paulo Jackson se faz ainda mais necessário.

Precisamos resgatar sua coerência, sua coragem e seu compromisso com a verdade. Precisamos, sobretudo, entender que a política só faz sentido se estiver a serviço do povo.

Esta sessão especial é, portanto, mais do que uma homenagem, é um ato de resistência, é uma afirmação de que Paulo Jackson vive em cada luta por justiça, em cada gesto de solidariedade, em cada ato de coragem dentro e fora desta Casa.

A memória de Paulo Jackson é um patrimônio da Bahia e, como todo patrimônio valioso, precisa ser preservada, contada e celebrada pelas futuras gerações...”

Este é um momento de discussão sobre a política. E a política precisa, como Paulo Jackson entendia, ser referenciada, instrumentalizada.

Existem duas formas de resolver os problemas do ser humano: do ponto de vista da fé, é Deus em todas as suas divisões e representações religiosas; mas, do ponto de vista da materialidade, é a política. E é nisso que Paulo Jackson se posicionava, só a política é capaz de resolver os problemas das pessoas.

E é por isso que, (lê) “(...) à sua família, aos seus companheiros de caminhada, aos nossos amigos e admiradores de Paulo Jackson, deixo aqui meu respeito e minha gratidão. E à sua história, o nosso eterno compromisso.”

Muito obrigado! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): Convido, para ocupar o seu lugar de presidente e proponente da sessão, o deputado Rosemberg Pinto.

(O deputado Rosemberg Pinto reassume a presidência da Mesa.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Então, já que o deputado Marcelino Galo está aqui dividindo comigo, eu já vou convidar Marcelino, que é o líder da

Bancada do Partido dos Trabalhadores na Assembleia Legislativa da Bahia, para fazer o seu pronunciamento.

O Sr. MARCELINO GALO: Bom, boa tarde! Eu queria cumprimentar todos e todas. Temos a oportunidade de participar deste evento aqui, um evento necessário à nossa vida, à conjuntura política. Então, falar de Paulo Jackson...

Eu queria, aqui, parabenizar o deputado Rosemberg Pinto por essa iniciativa tão necessária à política nesses tempos. Eu tive a oportunidade, deputado Rosemberg, de conviver com o deputado Paulo Jackson desde o Sindicato dos Engenheiros da Bahia, onde tivemos a oportunidade de militar juntos.

Ali está o Fidelis, que foi do nosso tempo, depois do saudoso Zé Olívio. Nós éramos da direção do sindicato, depois Fidelis foi ser o presidente e eu fui ser o vice-presidente, e o deputado Paulo Jackson saiu do sindicato para fundar o Sindae. Aqui está o nosso companheiro Grigorio, de um dos sindicatos mais combativos, que honra e dignifica a memória de Paulo Jackson. É uma militância muito duradoura.

Também estou vendo aqui a assessoria naquele momento, Leleto ali, que levava muito puxão de orelha e aprendeu muito com Paulo Jackson. Quando eu era assessor de um deputado aqui na Assembleia Legislativa, era justamente o deputado Paulo Jackson quem ocupava a liderança da Bancada do Partido dos Trabalhadores, que tinha apenas três deputados: o deputado Guilherme Menezes, o deputado Frei Dilson e Zezé, que era do PCdoB e veio a se incorporar à Bancada do PT junto com Paulo Jackson.

Mas era um grupo que fazia um barulho, que fazia uma luta aqui. Nós tínhamos momentos aqui de fazer justamente 3, 4 dias... de, justamente, suspender a pauta.

Paulo Jackson era coragem. Mas coragem só não é suficiente, todo mundo tem coragem para fazer alguma coisa, mas ele tinha compromisso com a classe trabalhadora, tinha coerência, coerência, e muita competência.

Então, aqui, quero saudar a família de Paulo Jackson e me solidarizar porque é duro, é duro, é muito duro perder uma figura tão importante e ímpolita como Paulo Jackson. Um deputado que era sistemático, organizava. Quem trabalhava com Paulo Jackson tinha que ter disciplina, disciplina, porque a disciplina é necessária. Sem disciplina, nós não vamos fazer aquilo que nos propomos, que é transformar a sociedade. E ele fazia isso com muita seriedade.

Eu sinto muita falta, muita falta dele como pessoa, como político, pelo que ele representava e por aquilo que a gente precisa tanto. Professor Moraes está aqui, nosso professor, sabe da importância...

E é preciso lembrar, é preciso ficar na nossa lembrança que o deputado Paulo Jackson morreu porque ele estava se transportando. E o que é que ele iria fazer? Uma audiência pública contra a privatização da água, contra a privatização da Embasa (palmas), tema que continua presente na atual conjuntura, já enfrentamos isso aqui também.

Isso está muito presente, presente. Grigorio sabe, agora ela é “rosinha”, ela é PPP. Se Paulo Jackson estivesse aqui, com certeza, o pronunciamento dele seria muito firme e esclarecedor: o direito humano à água! A água é um bem comum! A água não é uma mercadoria!

Aquele deputado colocava isso para o povo, aquele deputado que trabalhava nas zonas rurais, nos quilombos. Sempre que passo por Bom Jesus da Lapa, onde eu estive recentemente, é lembrada a mim a memória de Paulo Jackson. Eles falam em Paulo Jackson como se ele estivesse presente lá até hoje, porque o Rio das Rãs foi uma luta do deputado Paulo Jackson. Ele ia lá e se reunia com aquela comunidade.

Fui a Condeúba, lá está um quadro lembrando Paulo Jackson, aquele que ajudou a organizar...

Então, vejam, isso é o que nós precisamos na conjuntura de hoje, alguém que esteja junto com a classe trabalhadora, junto com o povo pobre, ajudando-o a se organizar, a transformar isso numa energia necessária para que a gente possa fazer o combate à extrema-direita, não só à extrema-direita, sobretudo à direita, sobretudo aos liberais, que se apresentam como sociais-democratas, mas, na verdade, são privatistas. Privatistas!

Essa luta é uma só. Então, em memória de Paulo Jackson, essa luta continua, a luta do povo pobre, a luta por uma sociedade mais digna, mais justa, mais igual.

Paulo Jackson, presente! Paulo Jackson vive!

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, deputado Marcelino.

Depois eu queria pedir à assessoria para ir levantando os nomes de algumas pessoas aqui. É lógico que a gente pode correr o risco de excetuar alguns, mas é porque tem algumas pessoas que foram importantes na vida de Paulo Jackson aqui na Assembleia. Eu vi Manoel ali, está ali atrás. Manoel, parabéns! Você sempre deu suporte ao gabinete do querido deputado Paulo Jackson.

Neste momento, eu quero convidar, para compor a Mesa, a deputada Moema Gramacho, ex-prefeita de Lauro de Freitas, que, junto com Yulo, foi contemporânea de Paulo Jackson aqui.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, convido, para se pronunciar, a diretora-geral da Fundação Paulo Jackson, Michele Gramacho.

A Sr.^a MICHELE GRAMACHO: Boa tarde a todos e a todas.

Quero cumprimentar a Mesa na figura do presidente, líder aqui da Maioria, deputado Rosemberg Pinto, proponente desta sessão.

E eu começo dizendo o seguinte, gente: como seria bom se a *TV ALBA* não tivesse 18 anos apenas. Meu desejo, hoje, era que a *TV ALBA* tivesse 34 anos porque, se a *TV ALBA* tivesse 34 anos... Em 1991, chegou a esta Casa, como suplente, o deputado Paulo Jackson. Então, certamente, nós teríamos registros, imagens, e muitas, desse brilhante deputado atuando aqui na Casa. Como não temos essas imagens, nós, o tempo inteiro, buscamos resgatar o legado e a história do deputado Paulo Jackson de outras formas.

Não temos esses registros pela *TV ALBA*, porém eu tenho registros muito fortes na minha mente porque minha mãe, Moema Gramacho, na época era deputada, contemporânea de Paulo nesta Assembleia, assim como o deputado Yulo, o deputado Marcelino... O deputado Rosemberg também era da época?

(O deputado Rosemberg Pinto se manifesta fora do microfone.)

A Sr.^a MICHELE GRAMACHO: Não... é... eu me lembro que... Minha memória não está falhando, não.

O Sr. Rosemberg Pinto (fora do microfone): Não, eu era mais novo.

A Sr.^a MICHELE GRAMACHO: Mais... mais... mais... mais novo, olha pra isso! (Risos) Enfim, eu tenho memórias muito vivas, na minha mente, de quando pude presenciar o quanto o deputado Paulo Jackson usava esta tribuna, ocupava sua cadeira, na qual, realmente, ninguém tinha a ousadia de se sentar porque ele era um deputado super-respeitado pelos deputados da Situação e da Oposição, e isso numa época em que a configuração era invertida, né?

Hoje, aqui na Casa, nós temos o deputado Rosemberg como líder da Situação, mas, na época, o deputado Paulo Jackson era líder da Oposição, que, no caso, era a Situação em que estamos hoje.

Mas o que eu quero dizer, com tudo isso, é que, desde que assumi a gestão da Fundação Paulo Jackson, instituição que gere a *TV ALBA* e a *Rádio ALBA*, nós sabíamos que tínhamos em mãos uma missão muito importante: manter vivo o legado de Paulo, manter viva essa história, contar às pessoas quem foi Paulo Jackson.

Então, dentre tantos feitos que realizamos para transformar a *TV ALBA* e a *Rádio ALBA*, promovemos uma reforma na sede da emissora. E, nessa reforma, uma das coisas que nós fizemos questão de fazer foi puxar para frente o rosto do deputado Paulo Jackson.

Então, eu convido quem não conhece, a sede da TV ainda fica aqui mesmo, depois da sessão dá uma passadinha lá. O rosto de Paulo Jackson está lá de uma forma enorme, com o breve relato de quem foi esse deputado, para que todas as pessoas que cheguem até a TV, não só parlamentares, mas também as pessoas que visitam esta Casa, as que vão ser entrevistadas, enfim, que fazem esse acesso, entendam logo de cara quem foi esse deputado e sejam impactadas e inspiradas por um homem público de verdade, como todos os homens públicos deveriam ser, o que nos orgulha muito.

Um outro legado que nós buscamos muito pôr em prática, seguindo o exemplo de quem foi Paulo Jackson, é levar cada vez mais a voz do Parlamento baiano para mais e mais pessoas. Então, um dos feitos que conseguimos foi ampliar o sinal aberto da *TV ALBA* para 132 municípios baianos, algo que antes era um sonho, porque a TV legislativa só chegava à capital e à Região Metropolitana, como se apenas essas regiões fossem as privilegiadas.

E, na verdade, nós precisamos, sim, estar no interior do estado porque a Bahia está em todo lugar, os baianos estão em todos os lugares, e nós precisamos, enquanto emissora legislativa, estar cada vez mais próximos do povo da Bahia.

Uma outra inspiração de Paulo é essa luta pela democracia. Todos os dias, dormimos e acordamos pensando qual é a nossa contribuição e o nosso papel, enquanto emissoras públicas e legislativas, na construção dessa democracia.

Por isso que nós não abrimos mão, em hipótese alguma, de combater as fake news e de usar a comunicação como um agente transformador da realidade.

Finalizando, mas também deixando mais duas informações para vocês, nós vamos fazer um seminário, um primeiro encontro de comunicação legislativa, nos dias 11 e 12 de junho, justamente trazendo esse elo entre o parlamento, as câmaras municipais, porque entendemos que temos que estar cada vez mais próximos dos legisladores, o Judiciário e também a comunicação comercial para que possamos ecoar e mostrar que, usada de forma correta e com eficácia, a comunicação é, sim, um agente transformador social.

E a outra informação eu ia deixar para a família falar, mas já vou deixar aqui esse spoiler: nós também, há 4 anos, tentamos fazer o documentário da vida de Paulo Jackson. O segundo documentário, que virá depois, nós não tínhamos conseguido viabilizar ainda, porém já foi viabilizado, graças ao apoio da família e ao apoio do Sindae por meio do cineasta Carlos Pronzato.

O documentário vai estreiar. Em breve, a gente vai dizer onde vai ser a estreia, mas vai ser no dia 8 de junho, também uma data simbólica, é o aniversário de nascimento do deputado Paulo Jackson... E estou olhando aqui para Daniel e vejo a emoção, vejo o quanto ele batalhou por esse documentário.

Ao final desta sessão, vocês vão poder pegar um gostinho, um trailer e, em breve, nós vamos ter o prazer também de exibir esse documentário na tela da TV ALBA para que mais e mais baianos tenham acesso a ele e sejam impactados pela vida desse homem que nos orgulha muito.

Então, é isso, nós temos muito, muito orgulho e honra de ter o nome “Fundação Paulo Jackson” porque, todos os dias, nós, que vimos trabalhar, entramos e saímos com a certeza de que Paulo Jackson está presente.

Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Michele.

Só vou anunciar algumas presenças, já vi que tem muita gente, e vocês vão pegando os nomes aí, é bom a gente citar para ficar registrado aqui: Elisângela Araujo, querida amiga deputada federal, que nos orgulha bastante; Valbérico França, presidente da Comissão de Aposentados e Pensionistas da Embasa; Vânia Galvão e Geracina Aguiar, ex-vereadoras de Salvador; Marcelo Pereira, diretor financeiro do sindicato dos petroleiros, esse é bom, cuida do dinheiro dos petroleiros; Grigório Rocha, coordenador-geral do Sindae; Marcia Fagundes, coordenadora do Movimento Paulo Jackson; Elen Coutinho, diretora da Fundação Perseu Abramo; Helena Britto, diretora do Sindae; Manoel Barreto, diretor técnico da CBPM, que está ali atrás; e Tiago Magalhães, sobrinho, já o tinha citado aqui.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, eu quero convidar, para fazer um pronunciamento, o querido amigo e ex-presidente da Embasa Abelardo Oliveira.

O Sr. ABELARDO OLIVEIRA FILHO: Boa tarde a todos e a todas.

Queria saudar o deputado Rosemberg e parabenizá-lo por esta audiência pública; saudar o ex-deputado Yulo; a ex-prefeita Moema Gramacho; o deputado

Marcelino Galo; todos os companheiros que estão aqui presentes, sindicalistas, amigos de Paulo Jackson; particularmente, a família do querido amigo, saudoso companheiro Paulo Jackson (a esposa, Suzana; seus filhos, Daniel e André; a irmã Zalvira); e todos aqui presentes.

Dizer que é, realmente, uma honra muito grande. Estou aposentado depois de 50 anos de trabalho e minha vida agora é curtir, mas eu não podia deixar de estar presente aqui neste momento tão importante.

Falar do companheiro Paulo Jackson e de toda sua trajetória é muito difícil para qualquer pessoa, até mesmo para mim. Convivemos desde os idos tempos da Escola Politécnica da Ufba e do movimento estudantil, onde, juntos, coordenamos a primeira greve pós-68, uma greve de 43 dias que resultou na invasão da Escola Politécnica pelo coronel Luiz Arthur e pela Polícia Federal, desde os tempos da militância no Clube de Engenharia. Estagiamos junto no Ceped, fomos diretores do Sindicato dos Engenheiros da Bahia – saudar o Fidelis, que estava aqui presente, ex-presidente desse sindicato – e lutamos juntos para fundar o Sindae. Depois disso, Paulo Jackson veio a ser deputado e eu tive a honra de sucedê-lo na presidência do Sindae.

Então, falar do companheiro Paulo Jackson e toda sua trajetória de homem público, de político sério, competente e comprometido com as causas populares é realmente muito difícil. O companheiro Paulo Jackson... Eu me lembro, nas primeiras reuniões nacionais do PT das quais ele participou, o companheiro Lula perguntava: “Quem é esse companheiro que tanto fala na ética, no princípio da política?” Aí disseram: “É uma das novas lideranças do PT da Bahia, é Paulo Jackson”.

Então, na realidade, Paulo, além de ter sido um grande político, o maior e mais brilhante deputado que esta Assembleia já teve, a sua competência e a disciplina, citadas aqui pelo Marcelino Galo, foram realmente importantes.

Também me lembro que, na primeira sessão dele aqui como deputado, ele pediu uma questão de ordem regimental ao então deputado, que foi depois governador, César Borges. Ou seja, na primeira sessão ele já tinha estudado o Regimento da Assembleia e fez a sua primeira questão de ordem em uma das suas primeiras falas.

Então, meus amigos, companheiros e companheiras, realmente, eu ainda me emociono muito quando falo do companheiro Paulo Jackson por toda a jornada histórica que nós empreendemos juntos. Infelizmente, infelizmente o destino levou um dos companheiros mais brilhantes, que, certamente, se não tivesse falecido, teria tido uma trajetória política de sucesso aqui na Bahia.

Ainda hoje relembro o sentimento que a gente tem de o companheiro Paulo Jackson não ter vivenciado as mudanças ocorridas no Brasil com a primeira eleição do companheiro presidente Lula, a segunda eleição, a ascensão do PT aqui na Bahia. Eu tenho a certeza de que, se Paulo Jackson estivesse vivo, ele teria ocupado e estaria ocupando um dos mais altos lugares do pedestal da política baiana e brasileira.

Então, para não me alongar muito, eu queria dizer também que, além de ter vivenciado toda a trajetória política, também vivenciamos o lado da vida pessoal de Paulo Jackson. Nos “babas” de Piatã, ele era muito bom de bola, mas era muito mascarado também, mas jogava muita bola.

Eu me lembro, Marcelino Galo, que Paulo Jackson era tão disciplinado, que ele... ele... ele tinha um grupo em que ele colocava a gente para ler os grandes livros do marxismo, depois nós nos sentávamos para discutir. Com isso, a gente leu tudo quanto é livro de Marx, de Engels, Rosa Luxemburgo, de todos os grandes pensadores do comunismo no mundo. Realmente, ele fazia isso com maestria, formação de quadros não só para o sindicato, mas para a vida política. Então, é isso.

Eu queria me despedir dizendo que, realmente, foi um grande prazer ter vivenciado todo esse tempo com o companheiro Paulo Jackson, desde as lutas do movimento estudantil, passando para as lutas contra a privatização da Embasa, e dizer, foi lembrado aqui, que, no dia em que Paulo Jackson morreu, ele estava numa reunião do Sindae. Ele pediu a um companheiro para levá-lo à rodoviária, porque ele iria fazer uma palestra em Gentio do Ouro contra a privatização da água, contra a privatização da Embasa, e nesse dia ele faleceu.

Então, saudar aqui, mais uma vez, a família, saudar todos e dizer que Paulo Jackson está presente não só na minha vida, mas na vida de todos aqueles que lutam e que lutaram por uma sociedade mais justa e em defesa da democracia, em defesa dos direitos humanos, como foi o companheiro Paulo Jackson.

Companheiro Paulo Jackson, presente! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Abelardo.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Pessoal, Paulo Jackson também gostava de música. Então, de repente, vamos ouvir aqui uma musiquinha das que ele gostava. Vamos pedir a Dan para tocar aí alguma coisa do Luiz Gonzaga.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Beleza! Aí ó! Paulo Jackson era um apreciador de Luiz Gonzaga. Era forrozeiro, não era dançarino, ele era meio durinho, não era, Suzana? (Risos)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Vamos ouvir uma pessoa que conviveu com Paulo Jackson na Assembleia Legislativa. Eu queria convidar a deputada Moema Gramacho para que ela possa fazer um pronunciamento em relação a esses momentos com Paulo Jackson aqui.

Quero aproveitar, enquanto Moema está indo para lá, e saudar Gilmar Santiago; Arnando Lessa; Ioná Queiroz, ex-prefeita de Camamu; Eron, que foi chefe de gabinete de Paulo; Bira Corôa, ex-deputado estadual; Jazon Junior, diretor de gestão da Embasa; Luiz Carlos, conhecido internacionalmente como Lula Cabeleira, do PT de Salinas das Margaridas; e Adriano Magalhães, advogado do sindicato dos petroleiros.

A Sr.^a MOEMA GRAMACHO: Boa tarde a todas e a todos.

Eu queria começar com: “Pela ordem!” Quando uma mão aqui se levantava e uma voz firme pedia “Pela ordem!”, todos paravam. Todos paravam porque sabiam que ia falar o deputado que mais conhecia o Regimento desta Casa, que ia falar um

deputado que honrava toda a Bahia, um deputado que vinha do povo, que vinha do interior e que vinha da luta dos trabalhadores em defesa dos trabalhadores.

O exemplo está aqui: o Sindae, o Sindicato dos Engenheiros da Bahia, a Central Única dos Trabalhadores, representantes dessas entidades presentes neste dia. Deputado Rosemberg, que preside esta sessão, líder da Maioria, você deveria ter sido um pouquinho mais velho (risos) para ter sido colega nosso. Foi uma honra para mim, que cheguei em 1997, assumindo uma suplência, encontrar aqui um professor. Não encontrei um deputado, que ele já era por demais, mas encontrei um professor, Rosemberg.

Eu, Alice, Lídice, Maria del Carmen e tantas outras companheiras e deputados companheiros, nós aprendemos muito com Paulo Jackson aqui. Eu digo: aprendi a ser deputada com Paulo Jackson. Sentávamo-nos aqui, ele aqui e eu ali. Eu me sentava junto dele para aprender ainda mais com ele. E Paulo respeitava a todos. Para uns, ele era tido como uma pessoa bem rude, mas nós, que o conhecíamos...

E eu quero aqui aproveitar para fazer uma referência também e cumprimentar as irmãs dele na pessoa de Idalina, essa grande figura, grande amiga, e, na pessoa de sua esposa, Suzana, cumprimentar todos os seus parentes, inclusive os seus filhos, André e Daniel.

Mas quero dizer que ele, fora desta tribuna e dessa cadeira, sempre foi uma pessoa muito dócil, uma pessoa carinhosa e uma pessoa que respeitava todos e todas, apesar de parecer muito firme e muito... O pessoal dizia assim: “Ele é brabo, não é?” Eu dizia: “Não, ele é rigoroso”.

E eu nunca me esqueço dos dias em que passamos várias noites acordados aqui e, no dia da discussão, da votação dos trabalhadores, os trabalhadores ocuparam essas duas galerias. Paulo Jackson foi lá, porque estava havendo algumas desavenças do ponto de vista do projeto, e, ao chegar lá, naquela segunda galeria, a de cima, ele foi surpreendido por seguranças desta Casa, na época, que tentaram tirá-lo de lá. Agora, imaginem os senhores e as senhoras, eu e a deputada Alice Portugal, as duas “enormes” (risos), o seguramos pelo paletó para que ele não caísse do alto daquela galeria.

Vocês imaginem como nós vivíamos o processo aqui. Éramos apenas 16 deputados dos 63, hein, deputado Yulo? Éramos 16 dos 63. E Paulo, mesmo assim, quase sendo derrubado daquela galeria, se comportou de forma tranquila, colocando-se no seu lugar e dizendo o quanto era importante que os deputados fossem respeitados nesta Casa em todos os momentos, inclusive naquele momento em que havia um conflito.

Tenho a convicção de que serviu de exemplo e nunca mais os deputados foram desrespeitados, pelo menos não durante as gestões pelas quais passei aqui. Eu fiquei por três gestões e não vi nenhum outro episódio de ataque aos parlamentares, porque Paulo deu um exemplo de como o deputado deveria ser respeitado nesta Casa também pelos que aqui trabalhavam e que prestavam segurança. Citei esse fato só para demonstrar o quanto Paulo atendia aqui aos trabalhadores e defendia veementemente os direitos dos trabalhadores, da classe trabalhadora.

Abelardo, eu senti muito quando você falou aqui, você lembrou que Paulo, que era tão defensor da democracia, que era um petista nato... O quanto a gente sente por

Paulo não ter visto Lula presidente! Ele lutou tanto por aquilo e não conseguiu estar aqui para ver.

Mas quero dizer a vocês também o quanto nós, que fomos liderados por ele na Bancada do PT e depois liderados por ele enquanto Oposição, temos lembranças muito positivas de Paulo Jackson.

Quando ele vinha a esta tribuna, que... Quero aproveitar para cumprimentar aqui as nossas guerreiras silenciosas. Se não fosse pelo trabalho delas, muito provavelmente nós não teríamos uma história desta Casa, são as nossas taquígrafas. O quanto ele sempre as respeitou e o quanto foi importante ter os registros feitos por essas companheiras, que mostram o quanto o deputado Paulo Jackson... e quantas coisas importantes ele defendeu nesta tribuna e nesta Casa de forma muito veemente.

Quero, aqui, dizer que, no dia 19 de maio, há 25 anos, nós amanhecemos com uma tristeza profunda nesta Casa quando fomos informados daquele acidente. E a gente não acreditava, a gente sempre achava que poderia ter havido um erro e que não teria sido ele dentre os que estavam lá. Mas, infelizmente, o nosso desejo não se concretizou.

Eu me emociono porque eu me lembro daquele dia, quando não acreditávamos que tivéssemos perdido o nosso grande guerreiro, o deputado Paulo Jackson. Zalvira, sua irmã também, vocês sabem que para a família dói muito. Essa dor nunca passa. Mas entendam que, para aqueles que aprenderam muitas coisas com Paulo, nós também nunca o esquecemos, temos sempre ele como referência.

E aí, Rosemberg, eu não quero me alongar muito, mas quero que todos aqui se sintam cumprimentados. Em especial, quero cumprimentar, aqui, todos os deputados e deputadas, apenas, para ganhar tempo, não vou nominá-los. Quero cumprimentar também as representações de todos os trabalhadores que estão aqui.

E, para não me alongar muito, eu queria dizer que gostei, Rosemberg, quando você também falou de música. Finalizo... Eu sou péssima de voz, viu? Muito rouca. Mas finalizo com uma música que traduz, neste momento, depois desses 25 anos, a falta que Paulo faz para a vida da família, para a Bahia, para o Brasil – porque eu tenho certeza de que hoje ele estaria representando o Brasil nacionalmente –, que faz para os servidores desta Casa, para essas grandes companheiras que, aqui, o tempo inteiro, sempre estiveram conosco.

É uma música que diz o seguinte... Eu vou trocar só o objeto, a mesa pela cadeira: “Naquela caldeira tá faltando ele / E a saudade dele tá doendo em nós”.
(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Valeu, Moema.

Olha, Dan, chame Moema depois para acompanhá-lo aqui na próxima música, viu?

Obrigado, Moema!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Eu queria, neste momento, convidar o querido amigo, parceiro do deputado Paulo Jackson na direção do Partido dos

Trabalhadores à época, Jonas Paulo de Oliveira Neres, para fazer um pronunciamento. (Palmas)

O Sr. JONAS PAULO DE OLIVEIRA NERES: Queria, inicialmente, saudar o presidente desta sessão e proponente de sua realização, meu querido camarada Rosemberg Pinto; fazer reverência ao líder do meu partido aqui na Assembleia, Marcelino Galo; saudar a família de Paulo Jackson; saudar as bravas e os bravos companheiros da luta em defesa da vida e da água que compõem esse símbolo da nossa caminhada, que é o Sindae; queria saudar minha querida líder, Moema Gramacho; a Fundação Paulo Jackson; e nosso eterno guru, professor Moraes.

Eu convivi... aliás, nós somos vizinhos de região: Paulo Jackson, na área do que a gente chama hoje de “Sertão Produtivo”, que a gente chamava de “Serra Geral”; e eu na área do São Francisco, Yulo, na área de Ibotirama, Bom Jesus da Lapa. Nós sempre em sintonia.

Como sempre caminhamos juntos em todas as lutas no PT, sempre compusemos o mesmo campo político interno, sempre tivemos as mesmas lutas, as mesmas bandeiras, tive o prazer de votar nele em uma oportunidade.

Mas o que eu queria falar sobre Paulo Jackson, e estou aqui até por isso, é que nunca, nunca as ideias de Paulo Jackson irão morrer, e nunca nós precisamos tanto do exemplo de Paulo Jackson como agora precisamos, por ser ele alguém que, em toda sua trajetória política, operou com valores, com princípios e com um alto sentido de solidariedade e comprometimento com os pobres.

E também, no tempo da comunicação instantânea, no tempo da velocidade dos jatos, eu até me sinto um herdeiro de Paulo Jackson, porque tanto ele como eu sempre entendemos que nada, nada, nada substitui o olho no olho, o abraço, o carinho, o ombro para alguém colocar os seus problemas, e ouvir, e se comprometer.

Ele, assim, tombou, tombou em combate, tombou em combate. Só quem conhece ou conhecia, à época, Gentio do Ouro, como eu – por diversas vezes estive lá –, pode imaginar o que é um deputado estadual sair desta Casa ou do conforto que o mandato propicia para entrar num ônibus, viajar 10, 12 horas, chegar a Xique-Xique, levar mais 4 horas, na época, para rodar 60 quilômetros e chegar a Gentio do Ouro, em meio a pedras, caminhos tortuosos, e conversar com os militantes que ali estavam. Só um camarada com o tamanho político de Paulo Jackson, humano, sonhador, libertário, faria isso.

Eu até tento acompanhar seus passos, mas sei do valor que ele tem. Esta cadeira ficou por muitos anos sem ser ocupada, porque, se ele tinha o respeito daquele sertanejo lá no fundo da Bahia, onde ninguém chegava, onde a rádio não chegava, onde o telefone não chegava, onde a televisão não chegava, ele tinha aqui o seu lugar para também falar onde os meios de comunicação falavam.

Eu acho, é óbvio, que Paulo Jackson teria uma enorme alegria em compartilhar a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva porque ele foi um dos construtores dessa vitória, ele foi um dos responsáveis por essa vitória, como foi também da vitória do seu parceiro de dobradinha na eleição, o nosso primeiro governador e o líder do nosso partido, com muito orgulho, aqui na Bahia, o nosso senador Jaques Wagner, que era

seu parceiro leal e fiel e conquistou... foi quem galgou para derrubar os pilares que sustentavam uma ditadura civil na Bahia, que infelicitava a Bahia. E Paulo Jackson, desta tribuna, combatia de manhã, de tarde, de noite e de madrugada nas obstruções.

Esse é o camarada em quem nós temos que nos espelhar, esse é o camarada que nós temos que ter como luz em nosso caminho. E sei, Grigorio, que o sindicato honra a história de Paulo Jackson.

Queria também dizer, para concluir, que o nosso partido também precisa visitar Paulo Jackson. Às vezes, a gente se acostuma a estar no governo, estar nos cargos, estar nos Redas, estar nas nomeações, nos diários oficiais da vida e esquece que Paulo Jackson tombou estando aqui, mas indo a Gentio do Ouro num ônibus.

Por isso, eu estou aqui, e vou concluir de vez, encarnado no espírito de Paulo Jackson, no exemplo de Paulo Jackson, no sertanejo Paulo Jackson, no brioso Paulo Jackson, no petista e brilhante deputado Paulo Jackson para dizer que Paulo Jackson vive e vive no seu exemplo! Viva Paulo Jackson! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Jonas.
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Agora vamos ouvir um amigo que, aqui, na sua fala, representará certamente o carinho de todos os amigos de Paulo Jackson. Nada melhor do que o professor Luiz Roberto Moraes.

O Sr. LUIZ ROBERTO SANTOS MORAES: Foi-me informado que eu poderia ter um pouco mais de tempo na minha fala. Além da emoção, eu vou tentar colocar um pouco de conceitos, princípios, para chegar ao perfil desse homem que já foi falado por todos que me antecederam aqui.

Permitam-me ler: (Lê) “Ex.^{mo} Sr. Rosemberg Pinto, deputado do Partido dos Trabalhadores nesta Casa e proponente desta sessão especial, na pessoa de quem saúdo os Ex.^{mos} Deputados e Deputadas, demais autoridades e pessoas presentes na Mesa, aos membros queridos da família do deputado Paulo Jackson Vilasboas, meus senhores e minhas senhoras, conforme solicitado pela família do saudoso parlamentar e pela Associação Movimento Paulo Jackson, Ética, Justiça e Cidadania, profiro algumas palavras aqui que retratam conceitos, ideias, o perfil e o legado do guerreiro, amigo, irmão com quem tive o prazer de conviver, acompanhar, contribuir e admirar pelo seu profícuo trabalho nesta Assembleia Legislativa.

Hoje, nos 25 anos da partida do nosso guerreiro deputado Paulo Jackson, lembramos que deixamos de contar com sua companhia, sua voz combativa. Obrigatoriamente, ele tem que ser lembrado pela pessoa que foi e por sua grandiosa atuação nesta Assembleia e na sociedade em defesa dos interesses das camadas populares, do ambiente e do saneamento básico.

Olho para as galerias, para a cadeira, o lugar, neste Plenário, onde ele se sentava, este púlpito que ele tanto ocupou! A Fundação Paulo Jackson promove ações culturais e comunicação voltadas para a divulgação das atividades desta Assembleia.

A Associação Movimento Paulo Jackson tem as presenças fortes e marcantes de sua companheira, Suzana; dos seus filhos, Daniel e André; e das suas irmãs Zalvira, Zenira, Zoraide, Zuleide e Idalina. São muitas as lembranças.

Agradeceria se ficássemos de pé para fazermos 1 minuto de silêncio em sua homenagem.

(Faz-se 1 minuto de silêncio.)

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Paulo Jackson, presente! (Palmas)

A água é uma entidade viva, um patrimônio ambiental sagrado, um bem comum, como já foi dito aqui. A água é direito dos seres vivos, direito humano essencial para a manutenção da vida. Porém, a água também tem direitos. Os bens comuns ou, simplesmente, comuns são intrínsecos à vida, sendo, portanto, o seu compartilhamento indispensável e o seu cuidado, uma necessidade.

O conceito de saneamento, como qualquer outro, vem sendo socialmente construído ao longo da história, segundo as condições materiais e sociais de cada época, do avanço do conhecimento e da sua apropriação pela população. A sua percepção muda de acordo com a relação entre a humanidade e a natureza, além das condições materiais de existência de cada grupo social.

Atualmente, as desigualdades impostas pelo modelo capitalista determinam os padrões de saúde das populações, tornando o saneamento uma medida de saúde pública indispensável. A falta ou a precariedade desses serviços impacta diretamente na vida da população, sobretudo, dos mais vulnerabilizados.

O saneamento envolve um conjunto de ações fundamentais para garantir ambientes salubres, desde o acesso à água potável, esgotamento sanitário até o adequado manejo das águas pluviais e de resíduos sólidos. Além disso, é um direito e uma obrigação coletiva, exigindo políticas públicas efetivas e investimentos direcionados para a sua universalização.

Saneamento é o ato de tornar o espaço são, habitável, higiênico, salubre e saudável. Garantir a salubridade ambiental, indispensável à segurança sanitária, à saúde e à melhoria da qualidade de vida, é direito e dever de todos os seres humanos e obrigação do Estado, devendo ser assegurada por políticas públicas.

Em face do seu caráter coletivo, o saneamento deve ser prioridade nos orçamentos públicos das diversas esferas de governo, observada a qualificação dos gastos por meio da eficiência gerencial, da transparência pública e do controle social, de forma a garantir a sua universalidade, integralidade e o pleno uso com manutenção e operação adequadas.

O art. 227 da Constituição do Estado da Bahia estabelece o direito humano aos serviços públicos de saneamento básico, na perspectiva da saúde pública, incluindo o controle de vetores transmissores de doenças e atividades relevantes para a promoção da qualidade de vida.

No entanto, a realidade ainda apresenta grandes desafios. Apesar do reconhecimento da importância das ações de saneamento para a coletividade, o Brasil chega ao século XXI sem que esses serviços alcancem toda a gente. Na Bahia, esses serviços são ainda inapropriados e deficientes em muitos locais ou inexistentes em outros, gerando impactos negativos no ambiente e na saúde coletiva.

Esse cenário exige o trabalho coordenado entre as três esferas de governo com programas, projetos e ações: o governo federal, por meio da legislação e recursos; os municípios, como responsáveis constitucionais pelos serviços; e o estado da Bahia, através da Embasa e outros órgãos da área, para atuar em conjunto para ampliar o acesso ao saneamento e cumprir as metas de desenvolvimento sustentável estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Com a quebra da institucionalidade, o avanço do ideário de extrema-direita e o aprofundamento da ordem neoliberal no país, a implementação dessas políticas vem sendo prejudicada.

A água, tratada como mercadoria e, mais recentemente, como ativo financeiro, tem agravado as desigualdades no acesso a esse bem essencial.

A privatização do saneamento tem resultado na precarização dos serviços e do trabalho, aumento das tarifas e exclusão social. A privatização tende a gerar monopólios corporativos, fragilizar a fiscalização e tornar os serviços menos acessíveis para a população de baixa renda, elevando a desigualdade ao seu acesso, pois será necessário dispor de dinheiro para comprá-la.

Além disso, os países ditos em desenvolvimento, como o Brasil, têm conduzido o Estado a se desresponsabilizar com a prestação dos serviços públicos de saneamento, principalmente de abastecimento de água e esgotamento sanitário. Isto aumentará a exclusão social e o uso do patrimônio ambiental como mercadoria, impactando ainda mais, negativamente, a saúde e o bem-estar da população.

Na Bahia, a trajetória neoliberal dos governos estaduais conduziu a política por meio de uma série de projetos custosos e de eficiência, eficácia e efetividade questionáveis.

O alinhamento às políticas neoliberais e às pressões de grupos econômicos fez o governo estadual aprovar, nesta Assembleia, em 2022, a lei que estabelece o caminho legal para privatizar a Embasa, que hoje atua em 367 dos 417 municípios.

Essa decisão, combatida pelo deputado Paulo Jackson, por entidades da sociedade, como o Sindae, pela população baiana, por décadas derrotada, acabou vencendo em uma conjuntura de retrocesso e de correlação de forças favoráveis às pautas que atacam os direitos de cidadania.

Em face da luta de todos e de todas que lutaram, como o deputado Paulo Jackson, em defesa da Embasa, repudiamos a atitude dos 26 parlamentares, dentre os 34 presentes à sessão, que aprovaram a lei, abrindo o caminho legal para privatizar a empresa.

Lembro que muitos municípios, em diferentes países do mundo, remunicipalizaram ou reestatizaram os serviços devido a falhas e aos impactos negativos do modelo privatizado.

A normatização e o controle dos serviços públicos de saneamento devem estar sempre sob a absoluta tutela do poder público e da população local, defendendo os seus reais interesses e impedindo os monopólios técnico e financeiro, sendo

necessário mecanismos e processos institucionais apropriados, possibilitando um real e democrático controle sobre o planejamento, a regulação, a prestação e a fiscalização dos serviços.

A legislação relacionada às ações e aos serviços públicos de saneamento na Bahia, tanto a que regula institucionalmente a área (como a Lei nº 11.172, de 2008) quanto a articulação intersetorial e interdisciplinar, incluindo normas e padrões de qualidade sanitária e ambiental, poderá contribuir para potencializar os seus benefícios desde que incorpore a sua relação com a saúde e o ambiente.

É indispensável instituir política pública de saneamento em sintonia com os princípios básicos do ecodesenvolvimento a partir de um sistema social que garanta emprego, segurança social e respeito a outras culturas e programas de educação.

O grande desafio colocado para o poder público e para os diversos segmentos da sociedade é construir uma nova ordem socioambiental pautada na ética, justiça social, justiça ambiental, justiça sanitária e justiça cognitiva.

A nova ordem é baseada em colaboração, solidariedade, transparência, participação e promoção de ações e serviços públicos de saneamento, cuja política deve contemplar os princípios da universalidade, equidade, integralidade, controle social e gestão pública.

Como engenheiro civil com atuação destacada na direção do Sindicato dos Engenheiros da Bahia, do Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente no Estado da Bahia (Sindae), do Departamento Nacional dos Urbanitários, da Central Única dos Trabalhadores e da CUT-BA, também como funcionário da Embasa e, principalmente, como representante do povo baiano na ALBA, eleito pelo Partido dos Trabalhadores, o deputado Paulo Jackson defendeu e disseminou os conceitos e ideias aqui referidas e lutou com todo o empenho por sua implementação. Levou para o parlamento suas convicções, consolidando avanços para a população. Acreditava que defender a água é defender a vida e que fazer saneamento básico de outra forma na Bahia e no Brasil seria possível.

A luta do amigo irmão na defesa intransigente da preservação, proteção e promoção do meio ambiente e das águas, da universalização de ações e serviços públicos de saneamento básico, inclusivos, de qualidade, e na defesa da sua Embasa, da nossa Embasa, pública, estatal, contribuiu para a conquista, em 2008, da Lei nº 11.172, que instituiu princípios e diretrizes da Política Estadual de Saneamento Básico. O saudoso deputado chegou a apresentar, nesta ALBA, em 1993, o Projeto de Lei nº 10.105, propondo tal política.

Seus discursos e as suas mobilizações percorreram a Bahia...”, como foi colocado aqui, “(...) denunciando o descaso das autoridades diante da precariedade sanitária que ameaçava a saúde pública.

Paulo alertava para a necessidade de políticas de ações preventivas, lembrando que a falta de saneamento básico acarretaria epidemias e o agravamento de doenças infecciosas.

Os seus importantes e enfáticos discursos nesta Assembleia e nos mais distantes rincões por onde passou na Bahia, que foram muitos, traduzem a preocupação com esses e outros temas relevantes para a sociedade.

Preocupado com as péssimas condições sanitárias, ele denunciava a irresponsabilidade das autoridades governamentais, especialmente da área da saúde, alertando que a não priorização do saneamento traria grandes prejuízos para a saúde da população devido à possibilidade do recrudescimento de doenças infecciosas, velhas endemias e epidemias.

O seu pensamento antecipava desafios que o mundo enfrentaria depois, como a pandemia devastadora da covid-19, que a humanidade viria a enfrentar, com efeitos devastadores intensificados pela degradação ambiental e pela exploração desenfreada de animais e de bens naturais.

Defensor do Sistema Único de Saúde, o nosso SUS, Paulo protagonizou embates contra políticas de exclusão, promovendo iniciativas para garantir serviços essenciais e evitar a degradação ambiental. Seu olhar atento para os impactos sociais da urbanização e da atividade industrial o levou a denunciar inúmeras irregularidades em regiões diversas como a bacia hidrográfica do Rio São Francisco e as bacias dos rios do Semiárido do Recôncavo Norte.

Também denunciou projetos que apresentavam indícios de irregularidades como o Projeto Veracruz Florestal, o da construção da Linha Verde, sob o comando da então construtora Norberto Odebrecht, além da licitação para a implantação de incinerador de resíduos perigosos no Polo Petroquímico de Camaçari.

Paulo foi voz ativa contra a omissão dos poderes públicos quanto à situação do saneamento no Brasil e na Bahia, com a elevada perda de água nos sistemas operados pela Embasa, especialmente em Salvador, sem que a empresa implementasse um programa de controle de perda de água e eficiência energética.

A ordem era aumentar a produção de água para o abastecimento público com a construção de novas barragens e adutoras de interesse das empreiteiras e dos fabricantes de materiais e equipamentos.

Como um grande e intransigente democrata, exerceu os seus mandatos sempre participando e apoiando as lutas e as ações de entidades e movimentos popular, social, ambientalista e sindical, como o MST, grupos ambientalistas e a CUT.

Ele não teve oportunidade de testemunhar importantes avanços internacionais na luta pelo direito à água. Em 2010, a ONU aprovou a Resolução nº 64/292, reconhecendo a água potável e o esgotamento sanitário como direitos humanos essenciais, decisão histórica pela qual Paulo Jackson tanto batalhou.

Em 2015, a Resolução nº 70/169, da ONU, garantiu ainda mais especificidade a esses direitos, assegurando que todas as pessoas tenham acesso a ações de serviços públicos de esgotamento sanitário dignos, seguros e com privacidade.

Por suas convicções, considerando a igualdade como grande objetivo e a liberdade como meio para alcançá-lo, liberdade para igualdade e igualdade com liberdade, vinculando o caminho dessa liberdade à democracia, temos a plena certeza de que, se ele estivesse vivo, reagiria à aprovação, pelo governo do presidente Lula, da Lei das Parcerias Público-Privada, em 2004, que incluiu a área de saneamento básico mesmo sob forte resistência da sociedade organizada.

Por outro lado, celebraríamos juntos a sanção da Lei das Diretrizes Nacionais para o Saneamento Básico e para a Política Federal de Saneamento, no segundo

mandato de Lula, e o aumento do aporte de recursos para essa área pelo Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC Saneamento.

E estaria conosco na luta contra o Programa de Parceria de Investimentos (PPI), criado para desestatizar a infraestrutura e diversos serviços públicos, incluindo os de saneamento básico, sob o pretexto da retomada de investimentos para ‘acelerar o crescimento’ nacional.

Neste momento, temos buscado manter, com a firmeza de sempre, a nossa coerência em defesa de uma sociedade justa e democrática. Continuamos no front pelos e pelas nossos e nossas companheiros e companheiras que já se foram, como o amigo irmão Paulo Jackson, e pelos que ainda virão.

Por todos e todas, nós nos colocamos contra o projeto da extrema-direita ultraliberal implementado sob o comando de diversas forças políticas que se colocaram em apoio ao governo do inominável.

Estamos com os segmentos da sociedade que lutam contra a destruição do Estado brasileiro e das suas instituições e políticas públicas, contra a implementação do PPI, associado a um amplo programa de desestatizações/privatizações e contra as reformas trabalhista e previdenciárias.

Seguimos na defesa dos avanços conquistados nas áreas do ambiente e de saneamento básico, denunciando o desmonte do arcabouço normativo e do aparato institucional de proteção do ambiente e do sistema de regulação e fiscalização ambiental do País.

Nos últimos anos, a luta de Paulo se reatualiza diante da aprovação da Lei nº 14.026/2020, que alterou o Marco Regulatório do Saneamento Básico, facilitando a privatização e promovendo um modelo voltado ao lucro, não à inclusão social.

A medida reativa antigos debates sobre desigualdade e exclusão, tornando ainda mais necessária a mobilização da sociedade para evitar retrocessos. A luta contra a lei federal de 2020 reatualiza as pautas dos anos 1980 e 1990, quando os setores democráticos e progressistas lutavam contra a exclusão social, as desigualdades regionais e a privatização dos serviços públicos de saneamento.

Essa lei traz o desejo do passado de criação de um monopólio privado dos serviços públicos de saneamento, principalmente de abastecimento de água e esgotamento sanitário e promove a violação de direitos humanos, as desigualdades e os riscos à degradação ambiental, sendo, portanto, uma estratégia política para salvaguardar os interesses do capital, impondo severos obstáculos para a universalização dos serviços com qualidade e modicidade tarifária.

Na esfera estadual, nós nos mantivemos firmes ao ideário que embalou a vida de Paulo. Ao longo dos governos do PT e seus aliados de partidos de direita liberal como PSD, PP, MDB e outros, fizemos e continuamos a fazer forte resistência ao projeto neoliberal para a área de saneamento básico na Bahia.

Lembro que, em 2013, os parlamentares da ALBA revogaram, por unanimidade, a lei do governo carlista que autorizava a privatização da Embasa, sob protesto e voto contrário do deputado Paulo Jackson.

Mas o governo conseguiu aprovar em 2022, com os votos da bancada governista, a Lei nº 14.466, que aponta o caminho legal para a privatização da Embasa e a sua extinção como empresa pública/estatal do povo da Bahia.

Essa decisão revela os meandros do poder e da política partidária nestes tempos em que as utopias e a coletividade não fazem parte da agenda política nem de um partido que, nos anos 1980, ergueu a bandeira em defesa dos direitos da cidadania e da democracia.

Assim, a aprovação da Lei nº 14.466/2022 foi uma traição a todos aqueles que, como o deputado Paulo Jackson, lutaram por um país mais justo e é uma revelação, ao povo baiano, dos interesses reais que motivam as forças políticas na Bahia, ainda travestida de progressista e democrática.

A aprovação desta lei pela Bancada do PT e pelos demais partidos da Base do Governo expõe o cenário devastador e aniquilador da esquerda no Brasil e na Bahia.

Essa aprovação aconteceu apesar dos fortes argumentos contrários de vários profissionais e segmentos organizados diante do prejuízo que causaria à população, ao estado e à Embasa, apesar também da mobilização contra do Sindae, das manifestações da Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento do Partido dos Trabalhadores da Bahia, do militante histórico e deputado Marcelino Galo (PT) e do mandato combativo do deputado Hilton Coelho (Psol).

Não! Não permitiremos a privatização da Embasa, como fez o deputado Paulo Jackson nas inúmeras lutas que travou dentro e fora da ALBA!

Continuaremos, sim, a lutar pelo ‘fortalecimento da Embasa’, princípio estabelecido no art. 8º da Lei nº 11.172/2008, e para que a empresa seja efetivamente submetida ao Conselho Estadual das Cidades e à sua Câmara Técnica de Saneamento, instância de controle social.

Pelas lutas desenvolvidas e pela coerência política, Paulo Jackson deixa um importante legado de valores, visão e práticas para todos, todas e ‘todes’ nós, que a Associação Movimento Paulo Jackson – Ética, Justiça, Cidadania se propõe a preservar e a disseminar na constante busca pela conquista e implementação dos direitos humanos e sociais.

Assim, continuaremos sempre na luta pela construção de uma nova ordem socioambiental, para além do capital, pautada na democracia, igualdade, liberdade, ética, justiça social, justiça ambiental, solidariedade e participação social!

Viva ao guerreiro, amigo irmão Paulo Jackson!

Obrigado!” (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Moraes!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Olha, nós só temos mais duas falas aqui, o deputado Jonas Paulo ou o deputado... Tinha condição também de ser... Mas o Jonas Paulo teve que sair.

Eu quero aproveitar para manter a representação do PT à Mesa e convidar Tássio Brito, o diretor de Finanças do PT na Bahia, para compô-la.

Bom, Moraes, vamos intercalar as falas com uma musiquinha que o Paulo Jackson gostava também. Bora? Dan, vamos tocar uma musiquinha aí para Paulo?

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Querido Dan, obrigado!

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, eu queria convidar, aqui ao lado, a professora Zalvira Cardoso Vilasboas, irmã do deputado Paulo Jackson, representando a família dele, para fazer a sua fala em nome de toda a família. (Palmas)

A Sr.^a ZALVIRA CARDOSO VILASBOAS: Eu quero agradecer e saudar, em nome de todos que estão fazendo parte dessa Mesa, o deputado Rosemberg Pinto, a quem já agradecemos pela promoção desta homenagem a Paulo.

Senhoras e senhores, boa noite.

Eu vou falar um pouco de Paulo. Algumas coisas que eu vou falar já foram até ditas, mas eu vou repetir. Eu vou começar a minha fala dizendo a vocês que a gente vai fazer uma conversa, uma conversa partindo de uma frase de um filósofo que viveu há um tempão. Ele viveu há 4, 5 séculos antes de Cristo. O nome dele era Antístenes. Olha a pompa do nome. Mas ele disse uma coisa que tem me acompanhado e que me toca muito, ele disse: “A gratidão é a memória do coração”, e é com essa fala que eu vou conversar um pouco com vocês.

(Lê) “É nessa dimensão que a família de Paulo deseja dialogar com vocês. É possível, na linguagem do nosso coração, falar de um sentimento que nos liga afetivamente. Sentimos como cada palavra vai chegando a nós, ao nosso coração, e vai nos trazendo as memórias pelas quais somos muito gratos.

Quais são as memórias de gratidão a Paulo? E o que ele significou para cada um de nós em particular?

Assim, é nessa afetividade consciente que desejamos conversar com vocês, falar um pouco da caminhada comum que fizemos com Paulo.

Falar da gratidão nesses 25 anos da ausência de Paulo, na sua manifestação corporificada entre nós, é compreender a impermanência da vida nessa dimensão física, é acolher e reverenciar a presença de um ser humano de muita luz, que...”

Eu vou sintetizar isso numa poesia de Lô Borges quando ele diz que “os sonhos não envelhecem”. E nós estamos aqui, hoje, o tempo todo falando que os sonhos de Paulo, que são os sonhos de todos nós, eles permanecem, eles estão vivos e alguns deles, como já foi dito aqui, registrado aqui, foram realizados.

(Lê) “(...) Os sonhos, eles fazem parte de nós, seres humanos. A nossa humanidade precisa de sonhos, precisa da utopia.

Paulo foi um sonhador de um mundo justo e fraterno.

Então, buscando a ressonância que sustenta essa verdade e trazendo para a dimensão política, acreditamos que podemos afirmar que Paulo faz parte do movimento dinâmico e social da história que o levou para um lugar de memória, um lugar de não esquecimento, porque os seus sonhos, que também são nossos, continuam vivos.

Eles continuam sendo construídos na luta pelo fortalecimento e pela garantia da democracia, na defesa da ética como parâmetro, na condução da prática cotidiana das relações humanas, na defesa da soberania nacional e dos direitos humanos, direitos da natureza, direitos da justiça socioambiental e na defesa radical e intransigente da água como um bem comum, que não pode ser mercadoria.

Eram os sonhos de Paulo e continuam sendo os nossos sonhos. Ainda estamos aqui e aqui continuamos a lutar por eles. Paulo sonhou e lutou muito pela realização dos seus sonhos, e alguns se realizaram...” Aqui, eles foram ditos, falados e afirmados, mas eu coloquei um e vou repeti-lo. Já foi dito aqui e eu vou repeti-lo para vocês.

(Lê) “(...) Lula ser presidente do Brasil pela terceira vez é parte da luta, de uma construção cotidiana que ele fez com aqueles que, na caminhada, estiveram juntos, edificando esse caminho...”

Ele edificou esse caminho com muita coragem na Serra Geral, organizou e construiu muitas comunidades que conseguiram, no momento oportuno, realizar os sonhos que ele sonhou.

(Lê) “(...) A caravana da cidadania está presente na sua trajetória...” Aquela foto bonita dele na carroceria de um caminhão com tanta gente, com tantos companheiros.

(Lê) “(...) Não dá para esquecer a sua presença na celebração do 2 de Julho aqui, em Salvador, e também em Caetité, sua terra natal, onde a celebração da luta pela Independência da Bahia acontece com uma forte participação popular.

E o Aeroporto de Salvador já voltou a ser ‘2 de Julho’?...” – era uma luta, não é? –, “(...) Paulo escolheu estar nesta Casa, onde fez o bom combate político, combate difícil, mas este é o espaço das ideias, no qual o bem coletivo enfrenta resistências, onde o debate político entre as ideias e o propósito de cada um ou de grupos precisa de sínteses para a execução de ações...”

A rigidez, não é? (Lê) “(...) A sua aparente rigidez guardava internamente um coração leve e amoroso que não passou despercebido por muitos também nesta Casa.

Cá estamos hoje para honrar e celebrar a sua memória, a sua vida, a sua luta, os seus riscos, a sua coragem e também os seus medos...”, todos nós temos medos, “(...) é certo que ele os teve, é possível que tenha feito com eles bons acordos...”, como costumava fazer, “(...) e assim pôde fluir na vida usando a sua força interna, o poder do seu coração, a sua intuição, a sua razão, a sua inteligência e a força desta Casa do Povo como espaço para a construção de um bom debate, em que a presença do contraditório requereu dele o necessário estudo para realizar o combate sempre em nome daqueles que o trouxeram para esta Casa.

Vivemos, nesses 25 anos, a ausência e a presença de Paulo. Isso acontece nos movimentos do cotidiano, na história viva que construímos sem nos darmos conta disso, tanto naquilo que é bom quanto no que é muito difícil.

A história de Paulo é também a nossa história, feita de sonhos sonhados coletivamente, que pedem e buscam uma firmeza no propósito da construção de um mundo fraterno e justo.

A esperança é a de que esses sonhos continuem sendo construídos por nós, sonhos de um mundo fraterno no qual o interesse coletivo refute o egoísmo, o individualismo, a ganância, o desperdício e nos garanta o cuidado com o outro e com a nossa casa, este planeta Terra/Água, que é uma manifestação perfeita da harmonia e da sabedoria divina que nos criou. Esta casa, neste momento, clama pelo cuidado e pelo respeito de todos nós.

Paulo caminhava sobre a Terra com muita leveza. Havia nele uma comunhão natural em ser parte dela. Como homem da razão, inteligente e estudioso, usou o seu conhecimento e tomou como tarefa na sua vida a defesa da água, da água como um bem comum, a serviço de todos. Ele fez uma oposição intransigente à privatização e à transformação da água em mercadoria.

Falando nesse assunto, como andam os nossos sonhos nesse sentido...”, não é, professor Moraes?

(Lê) “(...) Trazemos na lembrança um Paulo que desfrutava alegremente de um banho de mar, principalmente com os filhos, às vezes com os sobrinhos também, depois de um ‘baba’ nas areias de Piatã...” Não é, Aberlardo? Tinha gente que achava que ele era perna-de-pau, mas ele protestava veementemente contra isso.

O bom mesmo era que, depois desse “baba” nas areias da praia de Piatã, ele, nesse movimento, ia para Itapuã – não é, Daniel? –, para a feira de Itapuã, comer uma boa feijoada, não é, Daniel? Ele gostava muito de fazer isso.

(Lê) “(...) Paulo ficava muito feliz no Sertão, lá no mato, tomando banho de rio, de cachoeira, gostava das festas juninas. Ele lembrava o nosso pai nesse gosto especial. E como gostava da chuveirada no quintal da casa com os filhos Daniel, André e o fox, um belo labrador com quem se entendia muito bem...”

Eu achava que a gente não podia guardar para nós essa lembrança. Era lindo de ver a beleza da cena, o sorriso largo, a brincadeira com os filhos. Era bonito de se ver.

O interessante é que, na semana passada, eu encontrei um amigo dele, que é meu amigo também. Paulo jogava dominó com esse amigo lá na AABB, esse amigo se lembrou que a última vez que viu Paulo foi 8 dias antes do seu falecimento. Ele me disse que Paulo estava na AABB fazendo sauna com o filho, mas ele não sabia qual era o filho, não identificava qual era o filho. Conversando com Daniel, a gente descobriu que o filho era ele.

Daniel me confidenciou e eu vou confidenciar com vocês que Paulo estava lá lhe ensinando que o bom mesmo era fazer uma boa sauna e depois mergulhar na piscina de água fria, porque isso dava bastante resistência, não é, Daniel? Pois é, é isso.

(Lê) “(...) Esse era um aspecto muito próprio de Paulo, a confiança que tinha na força, no poder da natureza. Com a nossa irmã especial, sempre que se encontrava com ela, a pergunta era: ‘Essa menina já tomou sol hoje? Bota essa menina no sol’. Ela achava graça daquele cuidado...”

Ele reconhecia cada uma das irmãs nas suas qualidades, na sua individualidade, e tratava cada uma de forma especial. Suzana fala que gosta muito do bom humor inteligente, da presença pronta nas respostas dadas.

(Lê) “(...) Mas ainda conversando sobre ser grato, sentimos que a virtude da gratidão traz consigo uma pulsação, uma dança, um canto de expressão leve e ritmado pelas batidas do nosso coração. E é assim que estamos agora.

Estamos, neste momento, como família de Paulo, convidando todos e todas que se sentiram e ainda se sentem parte dessa família, todos os companheiros e companheiras, a fazermos juntos um movimento de gratidão a esta Casa, acolhendo nos nossos corações e aceitando plenamente todas as honras e homenagens que foram destinadas a Paulo pela sua verdade, pela grandeza do seu trabalho, pela sua dignidade, pelo seu respeito, pela dedicação, entrega, lealdade, pela ética que sempre pautou a sua vida dentro e fora desta Casa, que é a Casa do Povo.

São homenagens justas.

É muito significativo que essas galerias levem o nome dele. Ali...”, Moema já falou hoje, “(...) Paulo defendeu corajosamente o direito de os trabalhadores permanecerem, um lugar legítimo da sua representatividade, assim como é o nome da fundação que tem o propósito de divulgar, para o povo, os trabalhos desenvolvidos por esta Casa, fortalecendo e atendendo com transparência o nosso direito à informação e à formação política cidadã.

A trágica morte de Paulo nos levou para um lugar de uma dor que nos tomou e nos habitou. Parecia que tinha tomado uma forma dentro de nós. Nós vivemos, durante o luto pela morte de Paulo, outras perdas de amores e afetos igualmente profundos como a morte da nossa mãe, Placidia; de Conceição, mãe de Suzana; de Zildir, nossa irmã que era especial; e de outros entes muito queridos.

Alguém falou, eu não sei bem quem foi, que o tempo é a costureira dos retalhos. Foi assim, num movimento de costurar os nossos retalhos, que chegamos aqui. Chegamos aqui para falar da dualidade da vida e da saudade permanente que levaremos conosco sempre, como me falou um entre nós por esses dias, e, por outro lado, para falar da presença da grande alegria que experimentamos durante a nossa caminhada na convivência amorosa, afetuosa, solidária, respeitosa, de muita admiração, de confiança mútua com Paulo. E isso nos traz muita alegria...”

Eu quero encerrar a minha fala partilhando com vocês um trequinho de uma música de Gil que se chama *Tempo Rei*. Eu selecionei um trecho que diz o seguinte:

*“Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensina-me, ó, Pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei.”*

(Lê) “(...) A música faz uma reflexão profunda e bela sobre a impermanência e sobre como ela se realiza no tempo. A mudança. Sua natureza é de constante transformação, a vida nos convida para esse movimento, e é um convite que a gente não recusa, a gente não pode recusá-lo, faz parte dela, está nela. Assim, precisamos

seguir o fluxo constante da vida com ela e aceitar que a experiência humana é transitória neste planeta, e que os mistérios são insondáveis.”

Muito obrigada a vocês. Muita gratidão. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Zalvira, pela conversa, essa fala extremamente reflexiva.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, eu queria pedir, Michele, para a gente mostrar um trailer do que vai ter, no dia 8 de junho, nesse documentário sobre Paulo Jackson. Pode ser?

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Beleza! Vamos convidar todos para o dia 8 de junho, quando a gente vai fazer esse lançamento.

Moema, você disse aqui, falou, e eu disse também, que Paulo Jackson era um dos mais brilhantes deputados do PT. João Durval, que conviveu com ele, veio me servir um cafezinho aqui e disse: “Do PT não, ele foi o mais brilhante que já passou nesta Casa”. João Durval falou isso aqui para mim, este aqui. (Palmas)

Olha, nós temos um último orador, mas, antes disso, tem uma música especial aqui que pediram para que ele pudesse cantar, não é, Dan? Não é de Gonzaga, é de Gonzaguinha.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Beleza! Obrigado pelas apresentações.

Neste momento, eu queria abrir só um parêntese, já que é o último orador, eu não poderia deixar de citar que, hoje pela manhã, fui a Itapetinga porque também é um momento de muita tristeza. Nós perdemos um militante do Partido dos Trabalhadores, João de Deus, que ontem, no final da tarde, às 19 horas, depois de falar com a gente com muita alegria às 17 horas, teve um ataque cardíaco e acabou indo a óbito. Hoje, pela manhã, eu estive lá para prestar homenagem. Aí eu queria, neste momento, dizer que ficaremos com muita saudade de João de Deus, o militante do nosso partido, lá na cidade de Itapetinga, deixo isso como registro.

Aqui, desta Casa, perdemos, Moema acabou de me informar, e é verdade, o deputado Paulo Câmera, que foi, inclusive, contemporâneo de Paulo Jackson na época, ele estava já há muito tempo... Foi também meu colega nesta Casa.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Mas hoje a homenagem é para Paulo Jackson. Por isso, Yulo, eu queria pedir a você – que também foi contemporâneo de Paulo Jackson, certo? – que encerre as falas em nome de todos nós do governo para que possamos fazer o fechamento desta sessão especial.

O Sr. YULO OITICICA: Companheiros, companheiras, em nome do governador, quero saudar o nosso deputado Rosemberg, nosso líder aqui na Casa, pela importante lembrança que, de fato, professora, deve se dar durante todo o tempo.

É fundamental que as gerações que estão e as gerações que venham continuem bebendo nessa fonte extraordinária que foi a experiência desse militante político, desse parlamentar, não só nesta Casa, não só na Bahia, mas no cenário nacional.

É inevitável, em um momento como este... (O orador se emociona.) E aí o nosso líder ainda faz uma coisa absurda dessa, bota as imagens antes da minha fala, me deixando ainda mais emocionado, o que é inevitável. Por mais que a gente queira falar de vida, de alegria, é saudade.

Clarice Lispector dizia: “Eu tenho muitas saudades de quem não tive tempo me despedir”. Continua Clarice, dizendo que ela tem muita saudade do que deixou passar. Termina Clarice, dizendo que tem muita saudade, inclusive, do que ela não teve, mas que gostaria de ter tido.

Nós estamos falando da saudade de alguém que a gente teve, que a gente experimentou, com quem a gente conviveu. Nós estamos falando de uma figura, professor, como bem você colocou aqui, que não entrou na vida política, não entrou nesta Casa simplesmente para ter poder. Verdadeiramente, Tarso – você que é um companheiro jovem e que se propõe, neste momento, a comandar o nosso partido aqui na Bahia –, ele se propôs a entrar no instrumento da burguesia, mas não para fazer o que fazia a burguesia. Paulo era capaz de subverter a ordem por dentro da ordem. Paulo era capaz de fazer do exercício do parlamento uma ação independente, soberana pelos seus princípios e convicções, e não pela submissão a esse instrumento burguês, que é o parlamento.

Eu cheguei aqui com 30 anos, então vocês imaginem a sorte que eu tive de encontrar um professor extraordinário daquele. E que brigava comigo – que ironia, Moema –, brigava comigo porque eu viajava muito, quase sempre, de carro. E ele dizia: “Não, tem que viajar de ônibus, carro não é seguro”. Brigava mesmo, como professor e como líder. Quando Moema fala que a gente não acreditava, Gabriel, é porque é difícil para qualquer um acreditar que o super-herói morreu.

Paulo era isso, ou vocês já ouviram falar de algum deputado que era líder do seu partido e líder da Minoria ao mesmo tempo? Um deputado que pegava a bancada e levava para casa dele para fazer seminário de formação. “Não ache você, porretão que se elegeu a deputado, que sabe de tudo, não! Vamos estudar, vamos aprender”. E ele levava para intimidade da sua casa.

Por isso, era inevitável, a gente ficava na dúvida: ele não morreu ou ele vai entrar a qualquer momento aqui no Plenário... (O orador se emociona.) às vezes para nos salvar e às vezes só para ser solidário.

Eu, como todo jovem desmedido, fui pedir uma CPI aqui na Casa para saber quem é que praticava nepotismo ou tinha “fantasmas” nos seus mandatos, óbvio que eu pedi para os 63 deputados, inclusive para mim, não é, Moema? Para Moema, para todo mundo, vamos ver quem é que tem.

Nós só conseguimos 16 assinaturas, porque do PT eram só seis e da Bancada de Oposição eram só 16. Precisávamos de um terço, portanto, de 21, mas não conseguimos as 21 assinaturas nem para apresentar o requerimento de CPI.

Depois de 5 dias, eu fui surpreendido – hoje não seria surpresa – com uma CPI de nepotismo e “fantasmas” só para o meu gabinete. Eu pensei: “Ótimo, não vai poder dar em pizza, vai ter que dizer se eu sou honesto ou se eu sou corrupto”. E Paulo Jackson, imediatamente, disse: “Eu serei o nome do PT na CPI, porque quem vai dizer que Yulo não é corrupto não é o PT, são vocês.”

A CPI era para durar 6 meses, durou 6, mais 6, mais 6, e eu acabei ganhando um atestado de idoneidade deles. E, na hora de aprovar o parecer final, Moraes, ele saiu da sala dizendo: “Eu não aprovo nada, isso eu já dizia no início, quem vai ter que aprovar são vocês”. Portanto, solidário sempre.

Uma vez a gente teve uma discussão na bancada, não foi, Moema? (Risos) Aí ele saiu da reunião, me pegou pelo braço e me levou para o gabinete dele. Disse: “Está vendo aquela foto ali no gabinete?” Eu não sabia quem era, ele disse: “É um amigo meu lá do sindicato que nos deixou.”

Eu brigava com ele direto, mas era uma figura extremamente séria, coerente, dedicada. Portanto, para Paulo, solidariedade era princípio revolucionário. A atuação no Parlamento não era extraordinária, não, era sem dúvida. Sem dúvida de que bancada não é instância partidária, sem dúvida que bancada não é um instrumento para se servir e que mandato é um instrumento de luta, não outra coisa. Foi isso que ele fez e, como disse Jonas, morreu em combate fazendo do seu mandato um instrumento de luta.

Portanto, a nossa companheira Michele tem que produzir e resgatar mesmo muita coisa, Michele, porque aquela época era dura. Moema acabou de dizer ali que a gente não está ficando velho, a gente está ficando maduro, experiente etc., portanto, eu espero que mais saborosos, pelo menos, de serem ouvidos.

Naquela época, professor Moraes, e você se lembra disso, se uma comissão não dava quórum, a gente não tinha direito a microfone nem a ser gravado porque a gravação era feita em fita cassete. Ou seja, a ideia era não ter memória porque a ideia, naquela época, era que todos os poderes ficassem concentrados na mão de uma pessoa só.

E ele, com a sua provocação elegante, subia aqui para chamar aquele rapaz de duas letras, o Peixoto de Magalhães (risos), exatamente como forma de dizer: “Nós estamos aqui para provocar mesmo, nós estamos aqui para subverter a ordem mesmo, nós estamos aqui para mostrar que é possível fazer diferente.” Subir nas galerias, ter sua roupa lascada, foram várias vezes porque aqui não tinha segurança, aqui tinha capangas, capitães-do-mato, eram esses os seguranças da Assembleia, porque não eram seguranças da Assembleia, eram seguranças de uma parte dos deputados. Nesse dia, um assessor meu tomou um soco no rosto e desmaiou aqui fora, era essa a lógica do enfrentamento aqui, era dura.

Portanto, Paulo era necessário, se Bertolt Brecht falasse dele, iria dizer que era indispensável, mais do que nunca, como aqui já foi dito. Foi agora, foi ontem, que Lula foi preso para não ser candidato a presidente; que não toleraram uma mulher na Presidência pelo que ela tinha de bom, e não pelo que ela tinha de ruim; que mataram a vereadora no Rio também por isso. Agora, dia 1º de junho, será votada a possível

cassação de um deputado do Psol pelo que ele fez de bom, porque a correlação de forças lá era brutal.

Eu espero em Deus que aconteça o que aconteceu com a gente aqui, na nossa CPI, em que eram oito deputados titulares, nós só tínhamos dois, eles tinham seis, o quórum era cinco, portanto cinco eram suficientes, mas sem corpo, sem crime... Com o enfrentamento, a pressão fez com que a gente ganhasse. Não sei como será lá nessa correlação de forças vergonhosa que é o Congresso brasileiro hoje.

Portanto, Paulo Jackson faz muita falta, e o mínimo, Michele, que a gente tem que fazer é possibilitar o acesso àquela extraordinária cultura, que não pode se perder, do exercício do Parlamento que Paulo nos deixou. Por isso, Tassio, o partido não pode abrir mão de compreender as contradições do poder nem abrir mão de ser um instrumento do povo. Esse partido foi criado para isso.

Antes do PT, cada um achava que fazia revolução na academia, no chão da fábrica, na associação, nas comunidades eclesiais de base, mas o PT surge exatamente para isso: vamos fazer parte da burguesia não para repetir o que faz a burguesia, mas para subverter a ordem por dentro da ordem porque essa ordem não foi feita por nós, para nos servir, essa ordem que está aí não serve.

Quem acha que a gente avançou muito, é verdade que a gente avançou, mas de muito não tem nada, nós nunca tivemos um Congresso tão ruim, ainda reina no Brasil um presidencialismo bicameral completamente desnecessário. Para que o Senado? Para quê? O que era antes a casa dos senhores, para dizer que lá tinha senhores respeitáveis. Onde hoje? Onde?

Então, que Paulo Jackson continue no meio de nós, que nós continuemos gramsciano, pessimistas na avaliação, mas otimistas na ação, porque a esperança nunca deixou de estar ao lado das ações e dos ensinamentos de Paulo. A esperança, diz o poeta, é aquela abelha que faz mel sem flores.

Portanto, esse é o desafio que está posto para nós. De uma coisa nós não temos dúvida: somos herdeiros e herdeiras desse cara que não se intimidou com correlação de forças, com a força da grana, com a força da truculência e fez da sua vida uma experiência imortal.

Eu vou continuar, Maria del Carmen, como a criança que eu era, e todos nós ainda temos um pouco dela. Não tenho nenhuma dúvida, o nosso herói não morreu, e nós podemos fazer dele, a cada dia, mais vivo se não nos faltar coragem, determinação e compreensão, porque revolução não é o extraordinário, é o simples, mas se faz cotidianamente. Já dizia Guevara: “Quando o extraordinário acontece de forma natural, isso é a revolução.”

Quero dizer a todos da família de Paulo: obrigado pelo tempo que vocês abdicaram e por permitirem que ele estivesse no meio de nós. Obrigado por abrirem as portas da casa de vocês para nós... (O orador se emociona.)

Quero dizer que o governador manda um solidário abraço a todos vocês. Ele sabe que também está onde está porque essa semente foi plantada lá atrás. Mas nem ele nem nenhum de nós podemos abrir mão de continuar regando essa semente para

que a memória de Paulo, verdadeiramente, seja imortalizada não só no que ele fez, mas no que nós podemos fazer inspirados nele.

Obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Yulo.

Olha, pessoal, esta é uma sessão extremamente importante para a Casa, para todos nós contemporâneos de Paulo Jackson, para o legado que uma parte grandiosa da sociedade precisa ter de Paulo Jackson.

Poderíamos ficar aqui, Yulo, mais tempo, mas vai dar 18 horas. Então, eu quero dizer que Paulo Jackson continua vivo, essa foi a expressão de todos que se manifestaram aqui. A Fidelis e à família de Paulo Jackson, tenham certeza do orgulho que todos nós temos da trajetória dele, dos seus ensinamentos.

Lembro-me de que nós fizemos uma reunião ali no Tororó, onde era a associação, eu acho que era a dos técnicos, não me lembro, para discutir a candidatura de Paulo Jackson, eu, Geraldo Simões, Paulo Jackson, não sei se Moema estava, Paulo Rangel, e decidimos pela candidatura de Paulo Jackson. Geraldo Simões dizia que qualquer outra candidatura o atrapalharia, e de qualquer maneira ele tinha razão. E acabamos, naquele momento, o escolhendo, e eu tive o prazer de ser eleitor de Paulo Jackson. Por isso, fiz questão de levar a Bancada do Partido dos Trabalhadores a fazer esta ação especial.

Por último, Suzana, lembro que, na última vez em que estive lá com Paulo, a gente estava comendo pão de queijo. Era uma discussão grandiosa sobre o Partido dos Trabalhadores, era uma confusão, nós interrompemos e fomos para a casa de Paulo para tentar encontrar uma solução comendo pão de queijo, no finalzinho da tarde.

Então, pessoal, Paulo tem de ser lembrado com toda sua irreverência, com alegria, com sabedoria, mas também com gratidão. Nós é que somos gratos a Paulo Jackson.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Nada mais havendo a tratar, eu declaro encerrada esta sessão especial.

Agradeço a todos e a todas. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.